

 labeca	Péricles, o Partenon e a Construção da Cidadania na Atenas Clássica	Fev / 2010 1 de 16
--	---	---

FLORENZANO, M.B.B.

2001. Péricles, o Partenon e a construção da cidadania na Atenas

Clássica. S.P., Labeca – MAE/USP.¹

[revisão Labeca]

No âmbito de um Simpósio sobre o público e o privado na Antiguidade, eu escolhi falar, neste primeiro dia, a respeito da valorização do espaço público na Atenas do século V a.C. De fato, é sabido como o regime democrático deste século, conhecido como o século de ouro da Grécia, valorizou as praças, os mercados, os ginásios, os túmulos dos soldados desconhecidos, os templos e santuários, em fim, todo espaço dedicado ao encontro e reunião de cidadãos, em detrimento do espaço privado, de recolhimento de famílias ou de membros individuais da comunidade. A Arqueologia demonstra como as casas dos atenienses eram pequenas, escuras e sua funcionalidade atendia apenas a um conforto mínimo; enquanto os locais públicos eram espaçosos e suntuosos.

Escolhi falar de Atenas, cidade-estado, pólis grega, a respeito da qual possuímos maior quantidade de documentação; e, em Atenas, de um monumento que é, a meu ver, o mais significativo, o que incorpora traços do desenvolvimento artístico, cultural, político desse momento preciso vivido pelo mundo grego. Refiro-me ao Partenon, edifício que até hoje existe, que tem uma história própria, e que foi o mais importante monumento ateniense na época em que foi construído, no século V a.C., e que dois mil e quinhentos anos depois é ainda o monumento mais importante e mais visitado na Grécia pelos turistas.

Gostaria, pois, de iniciar com uma citação do livro primeiro da *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, historiador, que como sabemos, foi contemporâneo da construção deste monumento.

Com efeito, se a cidade dos lacedemônios [Esparta] se tornasse deserta e nada restasse dela senão seus templos e as fundações dos outros edifícios, penso que a posteridade, após um longo período de tempo, custaria a crer que seu poder fosse tão grande quanto a sua fama. E eles, todavia, ocupam dois quintos do Peloponeso e exercem a hegemonia sobre todo ele bem como sobre muitos de seus aliados em outras regiões. (...) Em contraste, se Atenas tivesse o mesmo destino, penso que seu poder, a julgar pela aparência das ruínas da

¹ Publicado nos Anais do I Simpósio Regional de História Antiga, Rondonópolis, M.T. 2001: 103-112.

	Péricles, o Partenon e a Construção da Cidadania na Atenas Clássica	Fev / 2010 2 de 16
--	---	---

cidade, pareceria duas vezes maior do que efetivamente é. [Tucídides, História da Guerra do Peloponeso. I.10].

Com efeito, apesar de ter sido Atenas a perder a guerra do Peloponeso e apesar de ter Esparta comprovado o seu poder e hegemonia política sobre uma grande quantidade de estados gregos, foram os vestígios físicos de sua rival, Atenas, que permaneceram visíveis até os dias de hoje.

Note-se, no texto de Tucídides, a ênfase que é colocada no relacionamento entre poder e arquitetura. Para este autor, mesmos as ruínas de Atenas fariam a posteridade pensar que seu poder era duas vezes maior do que de fato o foi!

É justamente a relação entre o Partenon e a política em Atenas no século V a.C. que eu pretendo explorar.

1. O que é o Partenon?

O Partenon é um edifício que foi construído na acrópole (cidade alta) de Atenas no século V a.C., cujo nome é registrado pelas fontes escritas desde pelo menos o século IV a.C. É, portanto, um edifício dedicado à deusa partenopéia, virgem, a patrona da cidade, Atena (fig. 1). Construído no formato de um templo dórico, vem, de fato, sendo considerado tradicionalmente como um templo. Como sabemos, o templo grego era uma construção destinada a abrigar os tesouros do deus cultuado e a estátua de culto. O culto propriamente dito –sacrifícios, libações –, era realizado no exterior do templo, em um altar. No caso do Partenon há de se notar que nunca existiu um altar. Além disto, a antiga estátua de culto – de madeira de oliveira – de Atena *Pólias* nunca morou neste templo e nem os ritos dos quais a deusa era objeto (banho anual no mar e troca das vestes) nunca disseram respeito à estátua colossal de ouro e marfim que ficava dentro do Partenon. É por isso que alguns autores gostam de acreditar que o Partenon poderia ser visto pelos antigos gregos como uma oferenda à divindade patrona da cidade, como se fosse uma caixa de jóias a ela ofertada. Pode também ser considerado como uma caixa forte, onde os tesouros da cidade estivessem bem protegidos.

2. Antecedentes de sua construção

A construção do Partenon, bem como todo o programa de construções empreendido por Péricles (estratego de Atenas de 460 a 429 a.C.) na Ática,

	Péricles, o Partenon e a Construção da Cidadania na Atenas Clássica	Fev / 2010
labeca		3 de 16

em muito deveu-se à posição hegemônica de Atenas na Liga de Delos. Com efeito, foi esta cidade que, de acordo com as fontes que possuímos, conseguiu capitalizar o resultado favorável aos gregos das Guerras Médicas. De fato, a criação da Liga de Delos com a finalidade de deixar a Hélade sempre em prontidão contra um eventual ataque persa e a responsabilidade assumida por Atenas de cobrar os tributos devidos para a manutenção desta aliança, favoreceram sobretudo o desenvolvimento daquilo que hoje podemos chamar de ‘imperialismo ateniense’. Para a nossa compreensão do Partenon, interessamos sobretudo lembrar que a vitória grega contra os persas, em 479 a.C., foi consagrada como um marco fundamental – e desde a Antiguidade – da ‘grecidade’. É um momento em que os gregos se contrapõem frontalmente contra o que é bárbaro, passando a se reconhecer como uma unidade cultural diferente, com traços próprios, especificamente grega. Fontes posteriores ao século V a.C. registram um juramento feito pelos atenienses em 479 a.C., depois da batalha de Platéia, quando uma aliança de gregos venceu os persas; juramento em que os atenienses prometeram não reconstruir os templos destruídos pelos persas (entre eles os templos da Acrópole ateniense) mas deixá-los como testemunho eterno da impiedade dos persas.

Estas são algumas das razões que favoreceram um amadurecimento do pensamento grego no sentido de uma maior valorização do Homem como ser capaz de tomar o destino com as próprias mãos, independentemente da vontade dos deuses. Existiu, neste momento, uma confiança de que o homem poderia moldar o seu mundo de acordo com a sua própria visão. Não se tratava de os homens serem elevados ao nível das divindades imutáveis mas, sim, das divindades imutáveis serem trazidas ao mundo dos homens e harmonizadas com este. Não sem razão, foi este o momento em que Protágoras de Abdera (480-410 a.C.) teria expressado a frase que resume a atmosfera intelectual deste período: “O Homem é a medida de todas as coisas”.

3. O programa de construções de Péricles

É fundamental, quando falamos do Partenon, considerar o papel decisivo desempenhado por Péricles. Sem entrarmos aqui na longa discussão a respeito do alcance das ações individuais no desenrolar da História, é preciso reconhecer que, neste caso, Péricles foi o condutor de uma série de atitudes, tomadas em última análise pela assembléia ateniense, no sentido da glorificação de Atenas e da materialização desta glória em obras monumentais visíveis por toda a Ática.

	Péricles, o Partenon e a Construção da Cidadania na Atenas Clássica	Fev / 2010
labeca		4 de 16

Tomando como justificativa a rebelião da cidade de Thasos contra a coleta do tributo devido à Liga de Delos e também o fato de que os persas não representavam mais uma ameaça iminente, Péricles transferiu o tesouro da Liga, acumulado na ilha de Delos, para Atenas. Se seguirmos as palavras de Tucídides [I, 35 e ss.], perceberemos como Péricles acreditava que Atenas havia criado uma sociedade exemplar e que, no fundo, era um privilégio para outras cidades serem suas aliadas. Suas justificativas são, antes de mais nada, morais e não mais militares. Assim é que este estrategista, depois de transferido o tesouro para Atenas, propõe à Assembléia o emprego destas riquezas na construção e reconstrução e/ou reforma de uma série de monumentos, templos, santuários, por toda a Ática, alegando não apenas que o juramento de Platéia tinha perdido sua força – já que a geração que havia combatido contra os persas estava praticamente ultrapassada –, mas também, que sempre seria possível re-transformar estas riquezas em meios para combater os bárbaros caso fosse necessário. Além da construção do novo templo à deusa Atena, foi construído um templo dedicado à Poseidon, no Súnio; o templo de Ártemis, no Bráuron, ganhou um novo pórtico; o santuário de Nêmesis, em Ramnonte, foi dotado de uma nova escultura feita por Fídias; foi construído um templo a Ares, em Acharnae; a sede dos Mistérios em Elêusis foi toda reformulada; e, em Atenas, além do Partenon, boa parte da acrópole foi reformada (fig. 2), foi construído um templo a Hefesto na Ágora e foi construída a Stoá de Zeus.

4. O Partenon

Afora o edifício propriamente dito que vem sendo, desde o século passado, reconstruído pelo gregos e de várias de suas partes – principalmente escultóricas – que no século passado, pouco antes da guerra de Independência da Grécia, foram retiradas pelos ingleses e hoje são conservadas nas salas do Museu Britânico, há várias outras fontes que nos permitem conhecer o Partenon em toda a sua complexidade. Em primeiro lugar, devemos mencionar documentos arqueológicos como, para citar apenas um exemplo, a estátua de Atena na Biblioteca de Pérgamo, a qual era reconhecida já pelos antigos como uma cópia da estátua monumental feita por Fídias para a cela do Partenon. Possuímos também inúmeros textos antigos que mencionam o Partenon, referem-se a ele ou descrevem alguma de suas partes: além do texto já citado de Tucídides, os relatos de Plínio, o Velho, do século I d.C., de Pausânias, do século II d. C., e de Plutarco, do século I d.C., para citar os textos antigos mais conhecidos.

	Péricles, o Partenon e a Construção da Cidadania na Atenas Clássica	Fev / 2010
labeca		6 de 16

Além disso, foi projetado para ser muito maior do que eram normalmente os templos gregos. Um templo no estilo dórico tinha, usualmente, seis colunas na largura e treze no comprimento, enquanto o Partenon tinha oito e dezessete colunas, respectivamente. Os materiais empregados foram escolhidos para ultrapassar todos os outros templos: todas as suas partes, inclusive as telhas, foram feitas de mármore, pintado de muitas cores, com inúmeros detalhes acrescentados em metal. Por isso, a sensação de ser esta construção uma verdadeira caixa de jóias, um presente para Atena.

Este é um edifício que inclui em seu projeto três espaços para receber esculturas arquitetônicas: as métopas, os frontões e os frisos (fig. 3 e 6). Além disso, a grande estátua criselefantina (de ouro e marfim) da deusa, colocada na cela do templo tinha toda a base esculpida, bem como as sandálias e o escudo (fig. 7).

Detenhamo-nos um pouco sobre os aspectos do conteúdo das temáticas tratadas nestas esculturas.

Métopas: As métopas foram as primeiras esculturas a serem colocadas no Partenon, pois de seu posicionamento dependia a colocação das traves que deviam servir de apoio ao telhado. São blocos de mármore de 1.30 m de altura e aproximadamente quadradas. Ao todo são 92 métopas, que circundam toda a parte superior do templo alternando-se com os triglifos. A temática de cada métopa não é pontual, mas elas se articulam na narração de quatro episódios lendários. As métopas do lado oeste narram a luta entre gregos e Amazonas, mulheres asiáticas guerreiras, que teriam invadido a Ática e que teriam sido repelidas pelo rei Teseu e seus soldados; as métopas do lado norte trazem a 'Ilioupersis', ou seja a derrota da cidade de Tróia diante dos gregos, episódio de um aventura que durou muitos anos, de gregos em país asiático; do lado leste, desenrola-se a história das batalhas entre os deuses Olímpicos e os monstros e, finalmente, do lado sul, as métopas apresentam a história do casamento do rei Lapita que, tendo convidado para a festa os seus rudes vizinhos, os Centauros (que são monstros), foi obrigado a combatê-los quando se tornaram inconvenientes devido à bebida.

Frontões: Há dois frontões no Partenon, tal como concebido normalmente nos projetos de templos gregos (fig. 4). Espaços triangulares, feitos para receber esculturas, no Partenon, os frontões se posicionavam um na frente do edifício, o frontão leste e o outro nos fundos (se é que podemos dizer que este templo tem

	Péricles, o Partenon e a Construção da Cidadania na Atenas Clássica	Fev / 2010
labeca		7 de 16

‘fundos’!), o frontão oeste. Note-se bem que o posicionamento do Partenon na Acrópole era especial: a entrada no recinto da Acrópole se dava pelo lado oeste e, portanto, eram as imagens posicionadas nos ‘fundos’ do templo as que primeiro se viam; a frente do templo, a entrada para a cela onde se encontrava a enorme estátua dourada de Atena, estava posicionada para o levante, o lado leste. Assim, quem subia à Acrópole em procissão nos dias de festa, especialmente a cada quatro anos nas festas Panatenaicas em homenagem a Atena, era obrigado a aproximar-se do templo pelas costas e pelo lado norte antes de chegar à entrada e olhá-lo de frente (fig. 6).

Ambos os frontões trazem temas bastante caros à deusa patrona da cidade: no frontão oeste, a referência é à luta entre Poseidon e Atena e, no leste, é o próprio nascimento da deusa que é figurado.

Reza a tradição que, em tempos remotos, Poseidon e Atena teriam se defrontado em uma disputa pela hegemonia da Ática. Cada qual teria oferecido um bem aos habitantes da região: Poseidon, deus dos mares, disponibilizou uma salina e Atena, em troca, ofereceu o conhecimento a respeito do cultivo da oliveira. Assim, o frontão oeste mostra ao centro os dois deuses que recuam para os lados diante do prodígio do nascimento de uma oliveira. Ainda que um monte de sal pudesse ser visto a um dos lados, a oliveira centralmente posicionada demonstra qual foi a preferência dos habitantes. De ambos os lados no frontão, personagens em pé ou sentados parecem assistir a cena. Há inúmeras interpretações a respeito da identidade destas figuras, mas a mais atraente é, sem dúvida, a que vê nelas personificações das várias regiões da Ática.

No frontão leste, aquele que coroava a entrada do templo, via-se o nascimento da deusa diretamente da cabeça de seu pai, Zeus. Hefesto, o deus metalúrgico, aparece também como coadjuvante deste parto *sui-generis*: foi ele o encarregado de, com seu machado duplo, abrir a cabeça de Zeus a fim de que Atena, já crescida e armada, pudesse sair! De um lado e de outro desta imagem central, os deuses olímpicos são representados, em pé ou sentados, legitimando, por sua presença, o nascimento de Atena (fig. 4).

Frisos internos: Ao redor das paredes de todo o recinto interno do Partenon, em sua parte superior, o arquiteto do edifício reservou um espaço para a colocação de um friso esculpido em alto relevo. Posicionado de modo diferente dos demais frisos em templos gregos, este friso estava a doze metros de altura do chão, em uma parte do templo bastante recôndita e mal iluminada. De fato, o público tinha acesso às imagens ali esculpidas, à medida que as acompanhava

labeca	Péricles, o Partenon e a Construção da Cidadania na Atenas Clássica	Fev / 2010 8 de 16
---	---	---

pelo lado de fora e as via intercaladamente entre as colunas (fig. 5).

Os frisos têm um total de 159 m. de comprimento e 0,70 m de altura; trazem inúmeros personagens que estão, de acordo com as interpretações mais aceitas, envolvidos na grande procissão sacrificial em honra de Atena, provavelmente durante as festas Panatenaicas. O início da procissão localiza-se no lado sudoeste, correndo pelo lado oeste, sul e norte, em direção à frente do edifício, onde ela se encerra. Os primeiros personagens figurados, são cavaleiros em posições diversas: já montados à galope, em pé se preparando ou preparando seus cavalos, montados e à passo. Em seguida, aparecem os homens tocando instrumentos musicais, liras, flautas; jovens conduzindo bois ou carneiros, trazendo hídrias (vasilhas para água) ou bandejas, todos elementos próprios dos rituais de sacrifício. Há também mulheres trazendo jarras e vasilhas para as libações, bem como incensários. Ao chegarmos no lado leste do edifício, o friso representa homens e mulheres majestosamente sentados (a serem interpretados, com toda probabilidade, como os deuses olímpicos) e, bem ao centro, cinco pessoas em pé, duas delas jovens, dobrando um tecido. Estas são, possivelmente, representações das jovens escolhidas para atuar no rito de troca da vestimenta da estátua da deusa Atena, neste caso, assistidas pelos deuses e por um magistrado.

Estátua de culto: A estátua colossal (10 m. de altura) de Atena foi colocada na cela do templo bem de frente à porta, no lado leste. Como era toda recoberta de ouro, os raios do sol nascente incidiam sobre ela, tornando-a ainda mais dourada e brilhante. Além disso, algumas fontes indicam que à sua frente haveria um espelho d'água de sorte a que a estátua parecesse ainda maior do que de fato era. Como dissemos acima, as sandálias, o escudo e a base desta enorme escultura apresentavam registros esculpidos: o nascimento de Pandora na base, a luta contra os centauros nas sandálias e as batalhas contra as Amazonas e contra os gigantes no escudo. Os mesmos conteúdos das métopas são aqui retomados de modo a acentuar a temática da vitória do que é grego, 'civilizado', contra o que é monstruoso ou bárbaro (fig. 7).

Conclusão

É bem verdade que cada detalhe da construção e das esculturas do Partenon permite uma reflexão, uma interpretação. É possível também oferecer explicações de cunho estético para todo este projeto ou, então, abordá-lo do

labeca	Péricles, o Partenon e a Construção da Cidadania na Atenas Clássica	Fev / 2010
		9 de 16

ponto de vista exclusivamente religioso. A nossa reflexão hoje, no entanto, dirige-se especialmente para a posição deste monumento, no seu conjunto, na cidade-estado, ou seja, na pólis. Preferiremos uma interpretação que valorize a totalidade do monumento, no lugar de uma abordagem de cada elemento individualizado.

Inicialmente, é fundamental compreender qual a temática. No meu entender, ela é uma só e é uma temática dirigida à identificação da cidade de Atenas com a *vitória*, com a *glória*. Glória de um povo que foi capaz de vencer o bárbaro no passado (os persas) e que acreditava que seu modo de viver constituía um modelo a ser seguido por todos. Trata-se aqui da utilização de um monumento, ou se assim se desejar, da arte, com a finalidade de reafirmar o poder e a glória desta cidade-estado. Péricles e também os cidadãos que tomavam as decisões na Assembléia encontraram uma fórmula de tornar este poder visível para todo o conjunto de cidadãos atenienses e para os não atenienses. Estes, que vinham de outras localidades, experimentavam a energia deste poder quando de longe já enxergavam um templo que era bem maior do que os outros templos gregos e que havia sido luxuosamente construído.

A maneira como o templo estava posicionado na acrópole, o posicionamento dos espaços com esculturas, tudo levava a uma experimentação do conjunto do edifício pelo público. Para isto, em muito contribuiu a forma como se dava a aproximação ao templo pelo lado oeste: o visitante, à medida que caminhava pela lateral norte do templo, via de modo fugidio a procissão esculpida no friso que parecia avançar juntamente com ele à medida em que as colunas iam passando uma a uma (fig. 2 e 5). Procissão esculpida e procissão real fundiam-se em uma só! Homens e deuses participavam lado a lado do rito. Parece ter havido uma intenção consciente de condução desta experiência no sentido de fazer com que o cidadão se identificasse com as figuras representadas no templo e, em última análise, com o poder, a glória e a vitória da civilização sobre o bárbaro. O Partenon participava de um processo ágil de aprendizado que, ao mesmo tempo em que difundia uma imagem específica de cidadão com a qual os atenienses se identificavam, modelava a própria cidadania. É, com efeito, um momento de re-energização da cidadania da mesma forma em que um sacrifício é um momento de re-energização da crença e do contato com o divino.

É por isso que hoje, podemos afirmar que na mistura da representação do cidadão idealizado com a realidade da cidadania, a arte clássica chegou a um ponto de equilíbrio perfeito: o que o indivíduo queria idealmente ser e o que ele era de fato, estavam em harmonia.

		Fev / 2010 10 de 16
--	---	--

Bibliografia Básica

BOARDMAN, J.

1992. *The Oxford History of Classical Art*. Oxford, Oxford University Press.

HOLLOWAY, R.R.

1972. *A view of Greek Art*. Providence, Brown University Press.

OSBORNE, R.

1998. *Archaic and Classical Greek Art*. Oxford New York, Oxford University Press.

POLLIT, J.J.

1972. *Art and Experience in Classical Greece*. London - New York, Cambridge University Press.

ROBERTSON, M.

1982. *Uma breve História da Arte Grega*. Rio de Janeiro, Zahar.

SCHEFOLD, K.

1986. *Grécia clássica*. Lisboa, Verbo.

WOODFORD, S.

1983. *Grécia e Roma*. Rio de Janeiro, Zahar.

WOODFORD, S.

1975. *The Parthenon*. Cambridge, Cambridge University Press.

Figuras

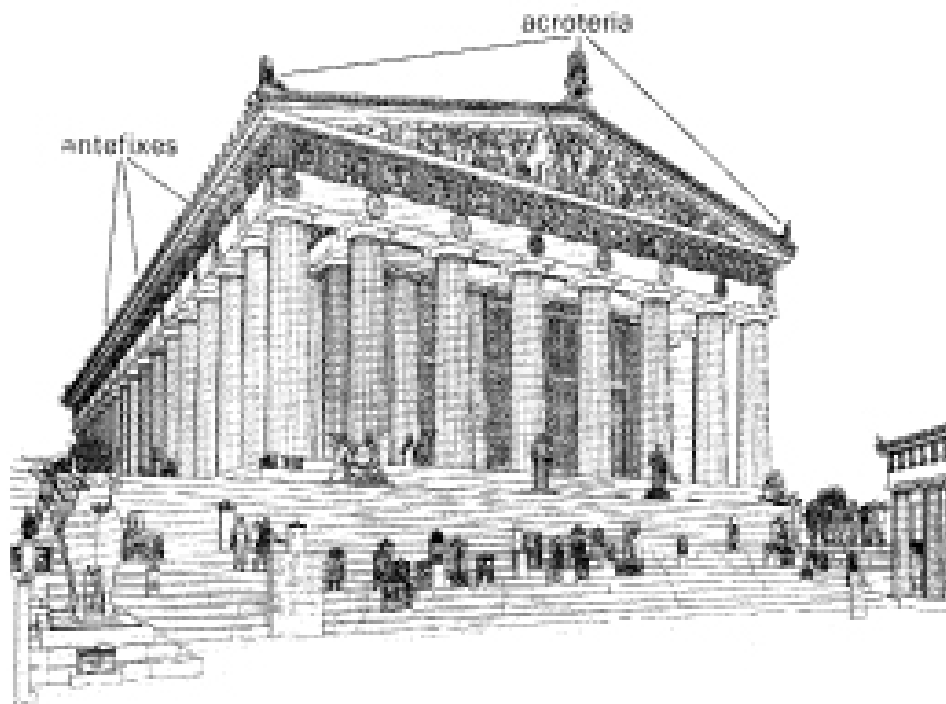


Fig. 1: O Partenon (reconstituição) (Fonte: Woodford 1975: 25).

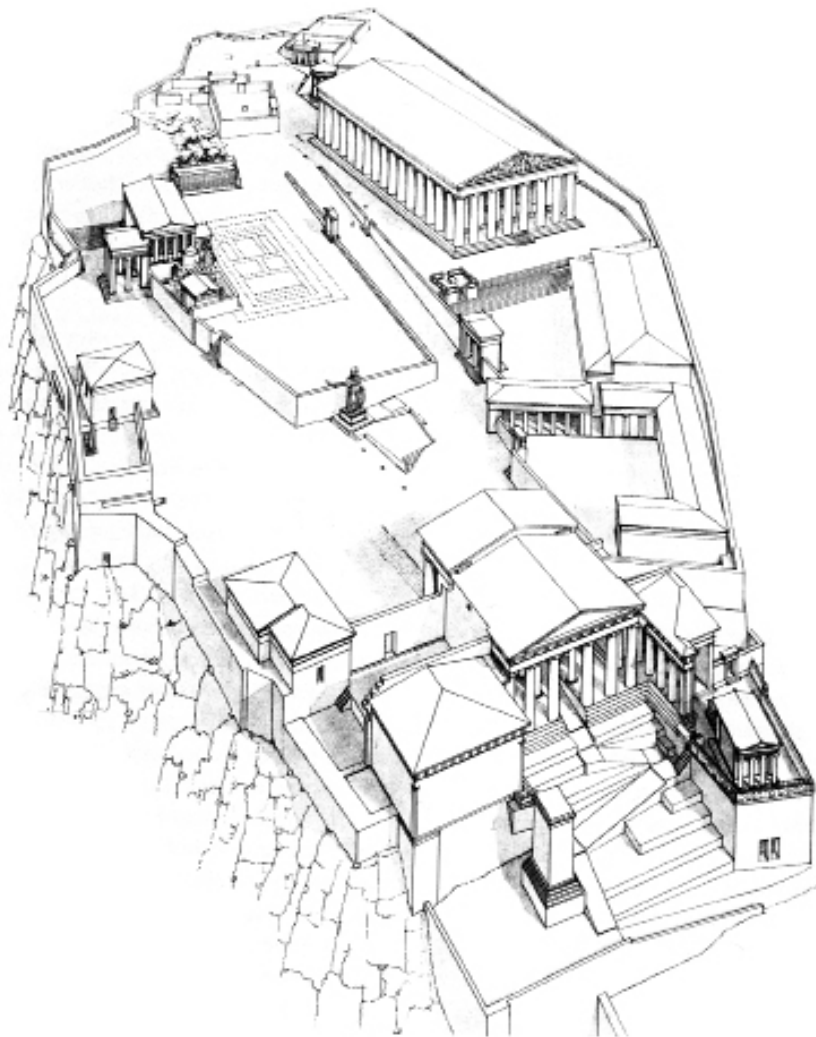


Fig. 2: Reconstituição da Ácropole tal como seria no século V a.C
(Fonte: Pollitt 1972: 73).

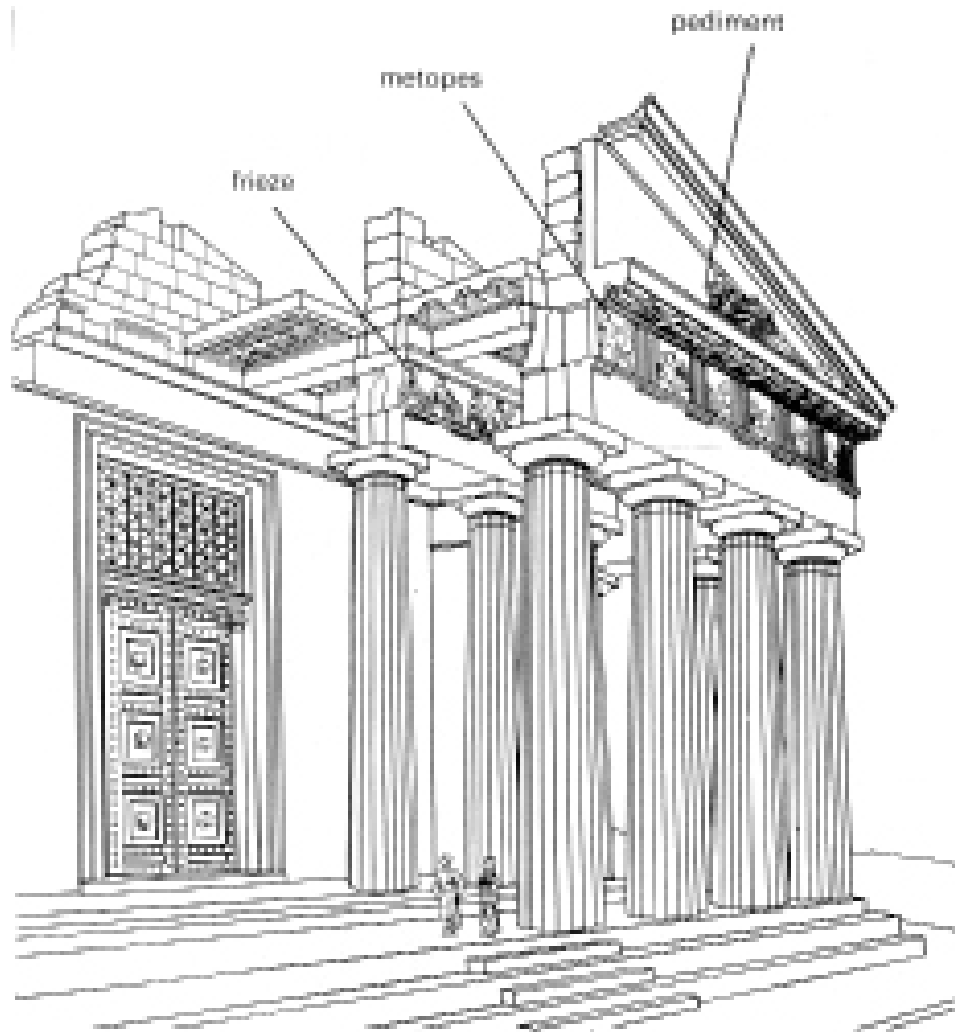


Fig. 3: Desenho mostrando a posição das esculturas no Partenon
(Fonte: Woodford 1975: 28).

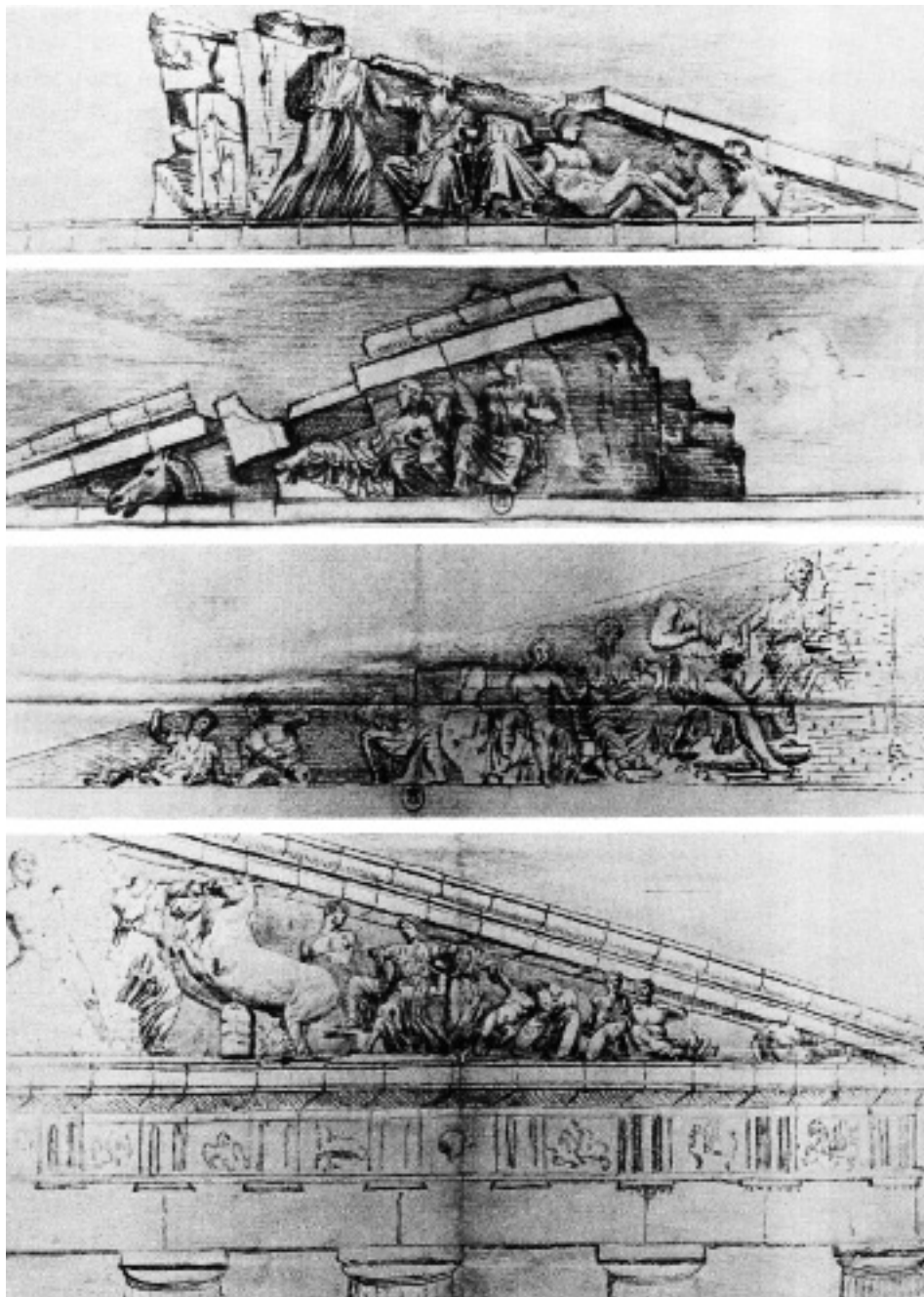


Fig. 4: Reconstituição dos frontões do Partenon (Fonte: Pollitt 1972: 92).



Fig. 5: Friso do lado leste do Partenon, mostrando como este se veria de baixo e de forma intercalada entre as colunas (Fonte: Woodford 1975:31).

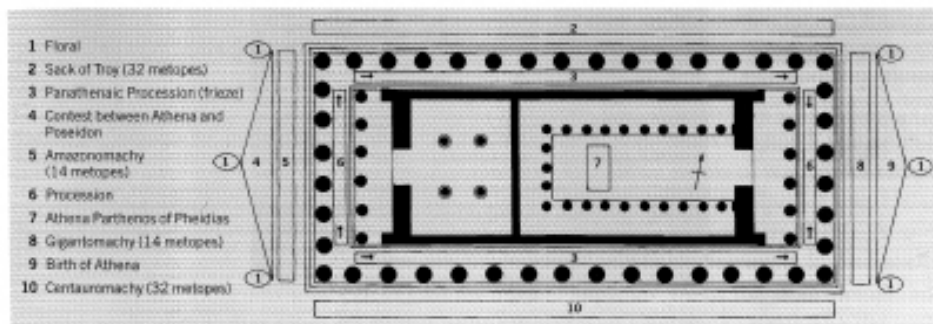


Fig.6: Planta do Partenon com a posição dos elementos do friso
(Fonte: Osborne 1998: 175).



Fig. 7: Atena criselefantina. Escultura atribuída a Fídias. Reconstituição no Museu Real de Ontario. Toronto, Canadá (Fonte: Boardman 1992: 119).